

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Guamabara

DATA: 19 / 10 / 1965 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: A crítica vienense e a arte brasileira.

ASSUNTO: Arte brasileira no Museu de Artes Aplicadas.

crítica: Sem peculiaridade nacional (Ivan Serpa)

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURICIO

A crítica vienense e a arte brasileira

No tocante à repercussão da mostra brasileira na Austria, vamos transcrever o artigo de Kristian Sottriffer, publicado na edição de 2 e 3 de outubro, em Die Presse, um dos mais importantes periódicos daquele País.

SEM PECULIARIDADE NACIONAL

A nova pintura brasileira no Museu de Artes Aplicadas "Arte abstrata — uma linguagem universal" foi o título de um livro de pinturas publicado há anos na Alemanha. Nêle celebra-se — como também em muitos discursos solenes e descomprometidos — a circunstância de que esta arte está especialmente em condições de fortalecer o entendimento recíproco dos povos ou de prepará-lo; uma bela ilusão tradicional. Mas as ilusões precisam existir e há, de fato, em si alguma coisa de sublime, quando se imagina como agora, que, por toda parte do mundo, são perseguidos os mesmos objetivos artísticos, de tal forma que não parece constituir mais diferença se um quadro foi pintado por um japonês ou um brasileiro.

Assim o problema de um entendimento internacional parece ser solucionado pelo menos no domínio das artes plásticas.

O fenômeno simultâneo menos belo, porém, é o monstruoso nivelamento de todos os valores, a confissão involuntária de nações diferenciadas, segundo sua tradição e peculiaridade, de que não se opõem a um certo desenvolvimento e a certas tendências igualadoras — que já aos poucos provocam o bocejo — sem nada que corresponda à sua individualidade.

Os confrontos que poderiam mostrar-se frutíferos são evitados em favor de uma uniformização agora certamente um tanto perturbadora. Dêste modo os contrastes permanecem limitados a um setor onde raramente rendem frutos: a política.

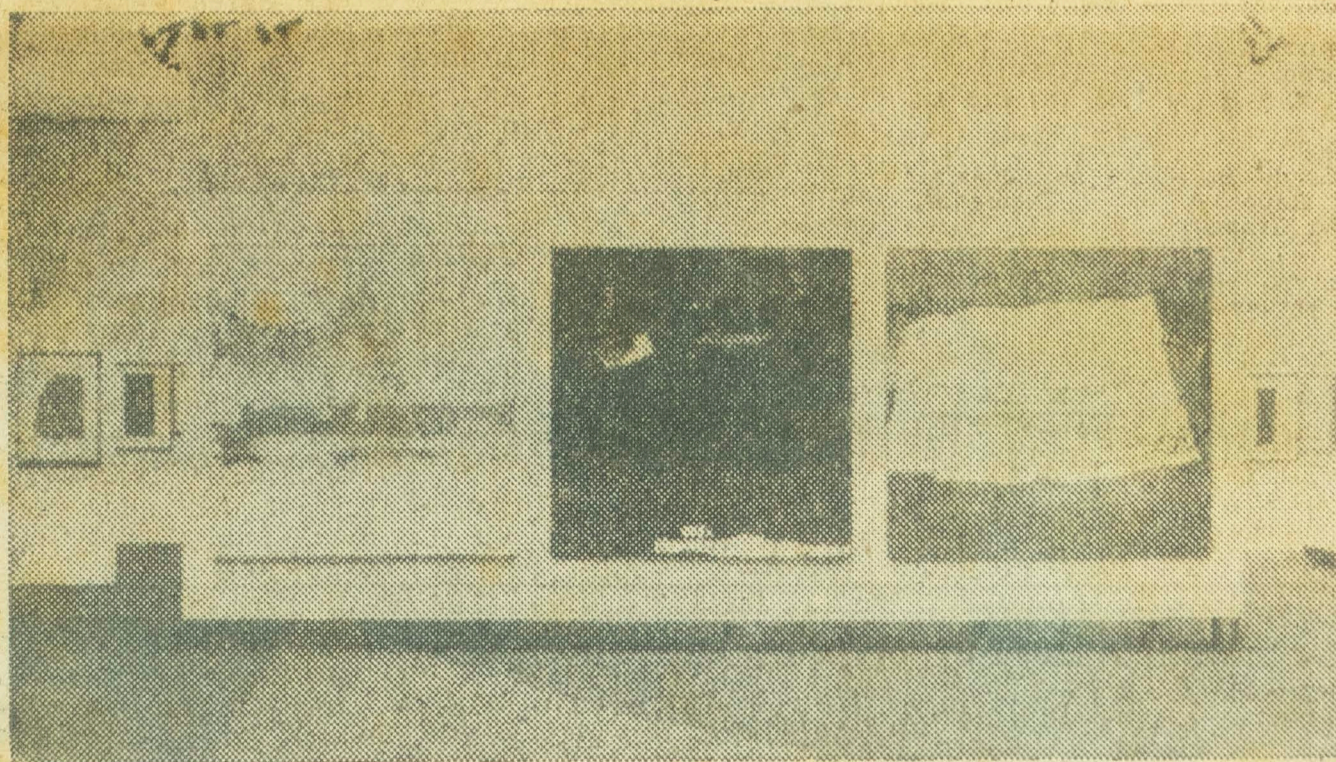
A exposição Arte Brasileira Contemporânea, no Museu de Artes Aplicadas, interessante e bem montada, organizada junto com o Ministério da Educação, certamente não é a primeira que dá en-

sejo a tais considerações. Em muitos sentidos, entretanto, é a mais coesa e valiosa representação da arte de uma nação estrangeira que se podia ver em Viena desde há muito tempo. Os brasileiros que conhecem uma arte moderna a rigor apenas desde a última guerra e que, portanto, empreenderam esforços especiais quando criaram em 1951 os grandes museus modernos no Rio de Janeiro e São Paulo e a Bienal concorrente com a de Veneza, realizam no campo da pintura algo não menos digno de nota do que a maioria dos outros Estados do mundo. Só não se deve procurar nela uma peculiaridade nacional.

Assim são naturais do Japão e da Itália dois dos mais importantes pintores, transportados em consequência disso para o ponto central da exposição. Manabu Mabe e Danilo di Prete poderiam com suas abstrações em formato grande de nobre contenção e disposição sutil ser procedentes também de outros lugares que não o Brasil. Um certo esquematismo da forma e da fatura pictórica, como já é corrente agora em legiões de pintores (por força do qual a maioria se ressentia de um acréscimo muito especial de personalidade e ímpeto) é evitado por eles mais do que por muitos outros nesta exposição. Nela destacam-se principalmente ainda Antônio Bandeira agora vivendo em Paris, Carlos Scliar e Abraham Palatnik (com relevos em madeira tecnicamente perfeitos, mas artisticamente discutíveis). Só Ivan Serpa rompe a homogeneidade dessa exposição culta, mas fracamente acentuada com representações expressivas e engajadas de seres humanos atormentados e que gritam.

Da mesma forma que no âmbito da pintura, não se revela no das artes gráficas nenhuma característica especial de uma diferenciação consciente. Aquilo que nêle foi realizado tecnicamente e em muitos casos também artisticamente assume, contudo, tal forma que poderia ser confrontado seguramente com os melhores trabalhos de artistas franceses, iugoslavos ou alemães que cultivam em particular a gravura impressa. Antônio Henrique Amaral mostra com suas folhas planas e ricas em contrastes ao lado de Wesley Duke Lee (que já expôs uma vez coletivamente em Viena na Galeria Nebehay e se ensejou novas possibilidades) antes de tudo aquela particularidade de que se sente falta nos outros.

Apenas a jovem Miriam Chiaverini se engaja nas suas gravuras em madeira interessantes e ricas em pormenores no tema do Vietnam. No mais, o já conhecido Arthur Luiz Piza, que vive em Paris, é sobrepujado por uma série de compatriotas seus, como Fernando Lemos, Isabel Pons, Rossini Perez e Farnese de Andrade.



Painel de Manabu Mabe na exposição brasileira